

Semana de Luta pelo Emprego dá mostra de força contra a crise

Protestos, entre segunda e sexta-feira, uniram milhares de metalúrgicos para combater as demissões em massa em São Paulo

Carina Rossi

carina.rossi@diariosp.com.br

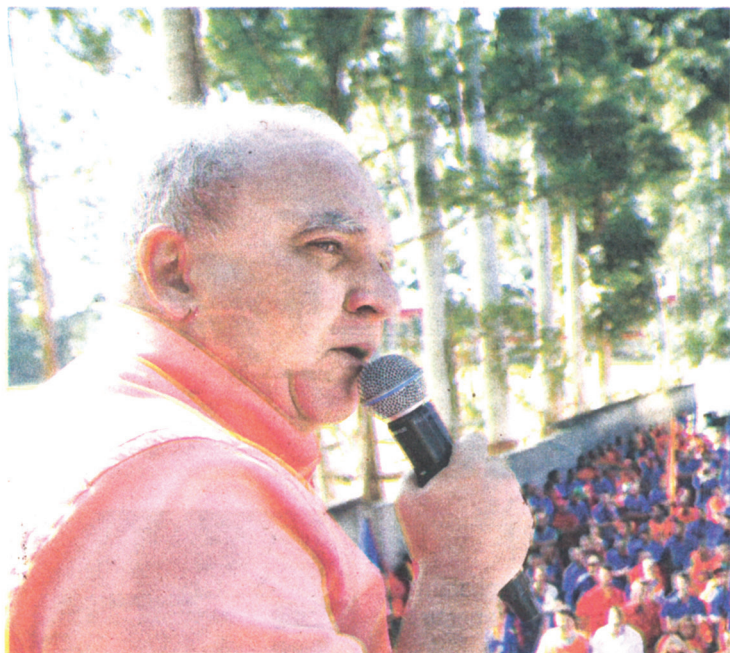
Diante de um cenário adverso, com demissões em massa, principalmente no setor automotivo, e restrição a benefícios trabalhistas, como abono salarial e seguro-desemprego, os metalúrgicos demonstraram força e união nas ruas da região metropolitana.

Desde o início do ano, só na Grande São Paulo, mais de 30 mil trabalhadores da categoria perderam o emprego. Assim, o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e Mogi das Cruzes e da Força Sindical, Miguel Torres, esteve à frente da Semana de Luta em Defesa do Emprego e contra Demissões.

Foram manifestações diárias, entre segunda-feira e ontem. Somente ontem, 4 mil pessoas participaram de um ato na Zona Oeste da capital que abordou também o Dia Mundial de Combate ao Trabalho Infantil.

DSP_ As metas foram atingidas nestes protestos?

MIGUEL TORRES Foi uma semana muito produtiva. Nosso objetivo era o de chamar a atenção para a necessidade de se manter os empregos. A sociedade está desinformada sobre essa questão e os trabalhadores precisam conhecer os problemas que os atingem. Além disso, o evento serve de preparação para algo maior,



Miguel Jorge esteve à frente das manifestações: pressão contra Dilma

como um dia nacional de lutas, que pode ser feito junto a empresários, já que eles também sentem a crise e sabem que se não houver uma política industrial séria, podem quebrar.

Como foi o contato com os trabalhadores?

Começamos por Mogi das Cruzes, no dia seguinte fomos à Zona Norte da capital, na quarta-feira à Zona Leste, seguimos pela Zona Sul e encerramos a semana na Zona Oeste. Mostramos aos trabalhadores que não podemos aceitar as demissões. Se o empresário e o patrão têm problemas e acharam que

só há essa alternativa, devem saber que não vamos aceitar. É um erro, pois com demissões, não há consumo e a economia piora. Quando se prejudica a mão de obra, o comércio não vende e a indústria não encomenda. Vira uma bola de neve.

Quais os desafios para conscientizar os trabalhadores?

Durante a semana procuramos orientar e ajudar, mostrar que o governo está limitando o financiamento ao dificultar o acesso ao crédito e ao investimento. Elevar os juros a quase 14%, uma das maiores taxas do mundo, é bom apenas para o capital especulativo, que sai



Em Mogi, quase 2 mil pessoas compareceram ao ato de segunda-feira

sem deixar benefícios. O aumento da Selic (taxa básica de juros) sobe os custos do governo e não fortalece a economia de base do país. A política industrial tem de ser séria e programada. Com o Lula havia um caminho de desenvolvimento que hoje não existe mais.

O que as pessoas podem fazer para o país não parar?

Os trabalhadores precisam ter ação e ajudar a recolocar a economia nos trilhos. E sempre estar atento ao que é preocupante: se o desemprego aumentar, vai ser pior. A alta absurda da inflação é outro fator que não podemos esquecer: quem ganha entre R\$ 2 mil e R\$ 3 mil sofre mais. É preciso fazer as pessoas retornarem ao trabalho. O problema é que o governo não senta, não faz proposta. A presidente Dilma Rousseff está sinalizando que vai conversar com as centrais, mas estamos descrentes.

Desde o início do ano, 30 mil metalúrgicos foram demitidos na Grande São Paulo. Como frear este número?

A ideia é que o empresário sente e converse. Ao contrário do que a Dilma falou na quinta-feira, a marolinha não virou onda, ela está se tornando um tsunami e só ela não sentiu. E a culpa é dela, porque quando assumiu o país tínhamos um PIB (Produto Interno Bruto) de 7,5%, um dos maiores do mundo. Ela não soube administrar.

Há esperança de este número ser revertido logo?

Depende do que fizermos para reativar a economia. Algumas coisas, como linha de crédito

DURO DE ACREDITAR

“A presidente está sinalizando uma conversa com as centrais, mas estamos descrentes”

CONHECIMENTO DE CAUSA

“Os trabalhadores precisam conhecer os problemas que os atingem”

Miguel Torres
Presidente da Força Sindical



No último dia da Semana de Luta em Defesa do Emprego e contra Demissões foi focado o trabalho infantil

barato para as pessoas terem acesso a financiamento, precisam fluir bem. Porque a recuperação pode durar décadas.

Como estimular o trabalhador a lutar pelo emprego com tantos dados ruins?

Se ele ficar desempregado é pior. Estamos chamando para a luta. Se o trabalhador concordar podemos mudar o ritmo da economia.

Há uma busca por diálogo com o governo federal?

Fomos em todas as reuniões que a presidente nos convocou. Temos de tratar o tema com seriedade que ele merece, como sempre fizemos.